

ASPECTOS DA POESIA DE FERNANDO PESSOA

A obra poética de Fernando Pessoa — Ele mesmo e a de seus heterônimos tem sido motivo de estudos de ordem vária. Contudo, êsses estudos vêm-se conduzindo na maior parte dos casos, num sentido mais histórico que pròpriamente crítico. São poucos realmente os que se dispõem a um trabalho de aprofundamento para determinar as constantes na obra do autor da **Mensagem**.

A tarefa é realmente árdua, especialmente por causa dêste fenômeno estranho na literatura, que é a poesia heterônima e ainda pelo sentido cerebral da mesma.

Assim é que no interseccionismo de Fernando Pessoa — Ele mesmo, no sensacionismo de Alvaro de Campos, no bucolismo de Ricardo Reis, e no filosofismo de Alberto Caeiro consubstanciam-se várias direções, tôdas válidas, tôdas autênticas, tôdas dignas de atenção.

Inicialmente diga-se que a poesia de Fernando Pessoa situa-se no campo do racional, do filosófico, daí tudo dever ser interpretado pela idéia, pois esta é poesia em Fernando Pessoa, a tal ponto de não percebermos quase o elemento sentimental, emocional. Êste é contido e quase não participa de sua poesia.

É a própria definição do poeta que nos esclarece: “o que sente em mim está pensando”. Como vemos, interessa ao poeta submeter o mundo emocional ao crivo da razão, da idéia. E como veremos isto é que faz grande a poesia de Fernando Pessoa e de seus heterônimos.

Seja a idéia em função da interpretação íntima dos elementos da Natureza em Alberto Caeiro “a natureza não tem

dentro”, a idéia em função do interseccionismo de Fernando Pessoa — Ele mesmo, partindo sempre do elemento concreto, através de um refinamento que torna a sua poesia para raros: “o teu silêncio é uma nau com tôdas as velas pandas”... ou “E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas” ou ainda a idéia de crivar a sensação, no sensacionismo de Álvaro de Campos

«E minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada,
Caiu, fêz-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Amei? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia
[eu,
Sou um espalhamento de cacos sôbre um capacho por
[sacudir»

Claro que, num sentido geral, Fernando Pessoa parte de um dado concreto para formar uma imagem poética emocional e posteriormente esta será trabalhada pelo elemento racional. Daí as diversas camadas da poesia de Fernando Pessoa: a sentimental ou emocional, reflexiva e a reflexiva da reflexiva até chegar-se a um ponto em que sentimos o poeta desprender-se do concreto, mas não podendo permanecer muito tempo no campo do abstrato, êle volta ao primeiro. Esta problemática decorre da impossibilidade da despersonalização poética em um sentido total, daí talvez o paradoxo, o princípio de quanto mais o poeta tenta a despersonalização, mais êle afirma a individualidade do “eu”. Quanto mais tenta Fernando Pessoa a diluição nos elementos da natureza (veja-se a filosofia de Alberto Caeiro, o sensacionismo de Álvaro de Campos) mais se faz uno. Assim em Fernando Pessoa (englobando aqui também os heterônimos), quanto maior a diversidade maior a unidade. A busca de “estar em tôdas as coisas” significa um caminho para a unidade, a tal ponto que a vivência em relação ao exterior se identifica com a pessoa que vive interiormente.

Veja-se, por exemplo, esta passagem de Álvaro de Campos, para que melhor se possam entender as afirmações.

Multipliquei-me para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo;
Transbordei-me, não fiz senão extravassar-me,
Despi-me, entreguei-me
E há em cada canto de minha alma um altar a um deus
[diferente.

O transbordamento, o extravasamento é a participação em tôdas as coisas exteriores, é quase a dispersão e nesta o poeta vive os sentimentos de muitas individualidades: “multipliquei-me para me sentir”. A isto segue-se na poesia uma unificação necessária, imprescindível. Assim, diversidade e unidade ao invés de se oporem em Fernando Pessoa, acabam por se complementar na obra do artista.

Esta participação integral com o elemento prende-se à simbologia de Fernando Pessoa através da qual o poeta procura captar as impressões das coisas através da idéia, ou melhor da emoção trabalhada pela idéia. Esta simbologia porém, está também na poesia de Alberto Caeiro, em que a penetração filosófica é visível, num sentido de interpretar as coisas na sua essência e não através de como são imaginadas. Daí ainda o espírito de Caeiro a desfazer equívocos num processo dialético bastante original em literatura portuguesa. Espírito dialético, diga-se, coerente e penetrante eis que Alberto Caeiro não se contenta com os elementos comuns estabelecidos, especialmente no tocante aos elementos da natureza.

Lí hoje quase duas páginas
Do livro de um poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes.
E os filósofos são homens doídos.

Porque os poetas místicos dizem que as flôres sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flôres, se sentissem, não eram flôres.
Eram gente.

E se as pedras tivessem alma, eram coisas vivas, não
[eram pedras

E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flôres e pedras e rios
Para falar dos sentimentos dâles.

Falar da alma das pedras, das flôres, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras.
E que os rios não são senão rios,
E que as flôres são apenas flôres.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos e fico contente
E fico contente,

Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
Porque a Natureza não tem dentro;

Senão não era a Natureza.

Ainda mais, em Alberto Caeiro a interpretação da Natureza às vêzes se mostra através de um verdadeiro panteísmo, em que não se pode negar mesmo um sentido de dispersão, de aniquilamento:

Quem me dera que eu fôsse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...

Quem me dera que eu fôsse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...

Quem me dera que eu fôsse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...

Quem me dera que eu fôsse o burro do moleiro
E que êle me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...

Ao se transformar em todos os elementos da Natureza (o pó da estrada, os rios, os choupos, o burro) o poeta poderia

participar de vários modos da Natureza; isto é, sendo parte dela e reunidas as partes conseguiria o poeta a tão ansiada unidade. Assim é que a relação dispersão-unificação consubstancia uma das mais válidas virtudes de Fernando Pessoa. Não é suficiente para êle expressar puramente elementos sentimentais sôbre as coisas; faz-se necessário participar da natureza dessas coisas, identificar-se com elas, transformar-se nelas. Esta transformação seria o processo de diluição, o “nihilismo” tão lembrado do poeta.

E tudo funcionando naturalmente, através de elementos concretos: o pó, os rios, os choupos, o burro que constituem a imagem poética inicial a ser aprofundada racionalmente. Êste processo constitui uma permanente na poesia de Fernando Pessoa — Êle mesmo e de seus heterônimos.

Assim a interpretação da poesia, da sua poesia, só pode ser feita tendo em vista êste processo lento de tomada de consciência das coisas da natureza.

Finalmente, nesta poesia, a diluição constitui busca de que existe razão a interpretar as imagens “antes isso que ser o que atravessa a vida/Olhando para trás de si e tendo pena”. A autopiedade no poeta, então ocorre por êle ser obrigado a viver as coisas racionalmente e não através dos sentimentos. Então o próprio processo racional em Fernando Pessoa caminha num sentido de desvencilhar-se da razão, de negá-la, impossível afinal; daí a angústia, o desespero do poeta.

Tudo isso concorre para que a poesia de Fernando Pessoa seja marcadamente de busca do sentido da vida. O poeta sente que nunca pode realizar integralmente seus anseios no plano das validades comuns. Procura então resolver-se no plano das realidades não concretas, mas sim das realidades abstratas, da mente só. Aliás, muitas das poesias de Álvaro de Campos, por exemplo, só podem ser entendidas através dêste prisma: a vivência está no plano do alógico, do amoral, do abstrato enfim. Isto é, impossibilitado de realizar-se fisicamente no sensacionismo, o poeta procura uma realiza-

ção mental, campo vasto, ilimitado. Daí, a princípio, certas imagens grotescas, exteriormente inexplicáveis, mas praticamente plausíveis. Basta que se vejam, por exemplo, certos momentos da Ode Marítima para percebermos isto:

Lembro-me de que seria interessante
Enforçar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães dêles)
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro
[anos
Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço — lembrando-me dum fiho que não
[tenho e está dormindo tranqüilo em casa).

Assim, a compreensão da poesia só é possível dentro do campo do poeta liberto de tódas as peias possíveis. Aliás, todo o sensacionismo de Ode Marítima não pode ser explicado como tendência à realização do ato, como não o é realmente, mas sim como uma tentativa do poeta no sentido de experimentar até o limite a resistência de sua mente. Fernando Pessoa, aliás, na “Ode Marítima”, através de Álvaro de Campos se expõe a uma experiência perigosa e violenta. E a certa altura, impossibilitado de prosseguir na linha ascendente, cai para uma atitude contemplativa (aliás, permanente em Fernando Pessoa) quando volta à infância.

E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima,
[em mim.
O meu passado ressurgue como se êsse grito marítimo
Fôsse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fôsse chamar o meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.
Era na velha casa sossegada ao pé do rio...
(As janelas de meu quarto, e as da casa-de-jantar também
Davam, por sôbre umas casas baixas, para o rio pró-
ximo,
Para o Tejo, êste mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais
[abaixo...
Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às
mesmas janelas.

Aquêlê tempo passou como o fumo dum vapor no mar
alto...)

Uma inexplicável ternura.

Um remorso comovido e lacrimoso,

Por tôdas aquelas vítimas — principalmente as crianças

Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,

Emoção comovida porque elas foram minhas vítimas;

Terna e suave, porque não o foram realmente;

Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azula-

[da,

Canta velha canções na minha pobre alma dolorida.

Aliás, uma das preocupações constantes em Fernando Pessoa é a volta à infância, com a sua inocência, a sua pureza e especialmente com a sua atitude de tão-sòmente sentir e não pensar.

Assim o filosofismo de Caeiro, o sensacionismo de Álvaro de Campos, o interseccionismo de Fernando Pessoa — Ele mesmo consubstanciam variadas direções mas sempre dentro dêste processo de integração da mente com a realidade exterior.

O interseccionismo, aliás, ainda se explica através desta penetração na realidade através de imagens interceptadas na mente do artista.

Veja-se, por exemplo, Chuva Oblíqua em que se mesclam dois planos de épocas diferentes, tudo isto aparecendo simultaneamente na elaboração poética.

Atravessa esta paisagem do meu sonho dum pôrto in-

[finito

E a côr das flôres é transparente de as velas de gran-

[des navios

Que largam do cais arrastando nas águas por sombra

O vulto ao sol daquelas árvores antigas...

O pôrto que sonho é sombrio e pálido

E esta paisagem é cheia de sol dêste lado...

Mas no meu espirito o sol dêste dia é pôrto sombrio

E os navios que saem do pôrto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Onde se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a
[uma dentro...

Não sei quem me sonho...

Súbito toda água do mar do pôrto é transparente
E vejo no fundo como uma estampa enorme que lá esti-
[vesse desdobrada

Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder
em aquêlo porto,

E a sombra de uma nau mais antiga que o pôrto que
passa

Entre o meu sonho do pôrto e o ver esta paisagem

E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,

E passa para o outro lado da minha alma...

Aqui, dois planos se interseccionam: o plano da realidade presente, da natureza da flôres, as árvores e o plano do sonho em que ocorrem os elementos marítimos. Os dois planos estão simultâneamente na elaboração poética de tal modo que um se insere no outro e nos dois se insere o poeta com sua vivência. Este interseccionismo na raiz só pode ser explicado no ponto do poeta se dispersar em duas realidades, a das coisas da natureza e as marítimas, reuni-las em sua mente. Assim, ainda aqui o processo de análise-síntese é válido na realização poética.

Como vemos, são múltiplos os aspectos da poesia de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, que mais do que nunca está a exigir um estudo mais acurado no sentido da interpretação de problemas de conteúdo. Esta interpretação só se fará, queremos crer, através de um longo processo de meditação.

JOÃO DÉCIO